



CULTIVO DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC) EM HORTA COMUNITÁRIA PARA ATIVIDADE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO LAR FABIANO DE CRISTO, ITAJAÍ, SANTA CATARINA

Giulia Rovani Demarchi, Vanderlea Ana Meller

Área: Práticas Pedagógicas com Plantas Medicinais, Condimentares e Alimentícias não Convencionais

Introdução: A proposta foi desenvolvida em consonância com o Projeto de Extensão Mãos de Vida, que, desde 2011, gera impactos na saúde, educação e fortalecimento da cidadania, nos diferentes contextos sociais e culturais de comunidades carentes. O projeto acontece por meio da interconexão dos conhecimentos e os profissionais envolvidos tecem as propostas com temáticas em comum articulando saberes e favorecendo a complexidade, em um constante ensinar/aprender com abertura à sensibilidade-razionalidade da arte, da ciência, das humanidades nas descobertas para o ser, fazer e viver a cidadania, que vai se construindo nas relações de acolhimento e capacitação. Uma Horta Comunitária é essencialmente uma prática de Agricultura Urbana, realizada por meio de trabalho voluntário, contando com auxílio e monitoramento especializados para esse fim. A introdução de hortas em ambientes escolares é capaz de resgatar valores humanos, por meio de uma experiência que aproxima jovens e crianças da natureza. A atividade de cultivo das PANC na Horta Comunitária facilita a interação com ecossistemas saudáveis, promovendo ações de sustentabilidade em uma experiência pedagógica de conscientização ambiental. Além de ampliar o acesso a alimentos nutritivos à comunidade, ressignificar hábitos e explorar o potencial da diversidade alimentar.

Objetivos: Desenvolver atividades de cultivo das PANC na Horta Comunitária promovendo a educação ambiental, valorizando a condição humana vital, o ser social e a cultura.

Metodologia: A Horta Comunitária foi desenvolvida no Lar Fabiano de Cristo (LFC), unidade de Itajaí/SC, localizada no bairro São João. Trata-se de uma associação sem fins lucrativos que presta assistência social, ofertando serviços de proteção básica a famílias e pessoas em situação de vulnerabilidade. O LFC atua por meio de diversos projetos sociais que possuam viés educativo. Em Itajaí, acolhe cerca de 100 crianças e adolescentes, alguns com necessidades especiais. Entretanto, de acordo com a disponibilidade para a programação, as atividades desse projeto foram concentradas em apenas uma turma do LFC, de 23 jovens, entre 12 e 15 anos de idade. A seleção das PANC foi realizada conforme disponibilidade. A partir disso, mudas de peixinho-da-horta (*Stachys byzantina* K. Koch) e ramas de batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.) foram fornecidas pela Granja Campos Orgânicos, de Camboriú (SC); mudas de ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata* Mill) e sementes de almeirão-roxo (*Lactuca canadensis* L.) foram contempladas pelo Horto Medicinal da Univali; e, por fim, uma muda de taioba (*Xanthosoma taioba* E.G.Gonç) foi coletada de um ambiente residencial, no qual era utilizada como planta ornamental. O projeto foi conduzido de maneira simples, interativa e facilitadora e não ficou restrito ao processo de produção de alimentos, ou



seja, as formas de plantio, o cultivo e cuidado com as hortaliças. Pois além disso, por ser um experimento prático, permitiu tecer uma trama de relações de cooperação, de busca de diálogo de saberes, de trocas, de discussão e de tomada de decisões comuns colaborando para o desenvolvimento comunitário (1). A Horta funcionou como um laboratório vivo e permitiu a realização de diversas atividades pedagógicas em educação ambiental, sendo possível integrar teoria e prática de maneira lúdica e envolvente. A simples observação da presença e da atividade das PANC estimulou a curiosidade e os questionamentos dos jovens. Essas pautas conduziram os encontros, tendo em vista que as questões ambientais não podem ser consideradas objeto de uma determinada disciplina, tratadas de modo isolado, mas pressupõem o intercâmbio de conhecimento (1). Portanto, mais do que o conhecimento botânico, atentou-se ao que havia de estimulante nas situações, para despertar o interesse do espectador e sua capacidade de observação. O projeto possui natureza qualitativa, ou seja, se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (2).

Resultados: O contato com as PANC foi atípico para a comunidade, contudo foi um estímulo para realizarem conexões temáticas, propiciando diversas reflexões a partir de diálogos. As informações e temas foram desenvolvidos em uma linguagem simples e acessível às crianças. Esse comportamento foi observado pela maioria dos jovens, entretanto, não foi unânime. Apesar disso, alguns dos que resistiram inicialmente ao projeto, construíram uma relação de aproximação, mais vagarosa, com a horta no decorrer dos encontros. Muitos daqueles que não tinham interesse nas etapas anteriores, foram atraídos pela colheita e confraternização, sendo estes, momentos em que a turma escolar pode expor suas opiniões, comentando sobre o conhecimento que foi adquirido durante a experiência teórica e prática, de forma leve e descontraída. Para além de uma didática específica e pontual, o projeto aproximou a comunidade de práticas agrícolas que promovem a sustentabilidade, explorando o ciclo de vida das plantas ao compreender as diferentes etapas de crescimento das plantas e a importância da manutenção desse ciclo. Também, permitiu reconhecer a importância de cultivar diferentes espécies de plantas, como as PANC, para preservar a diversidade nesse aspecto. Além de exercitar a educação alimentar, por meio do incentivo ao consumo de alimentos saudáveis e energéticos, destacando a conexão entre a Horta, a alimentação equilibrada e a saúde. A aplicação das PANC como estratégia pedagógica nesse cenário gerou os resultados planejados, pois o desconhecido foi justamente o que manteve a comunidade engajada. Ao final do projeto, a turma se referia às hortaliças corretamente e compreendia a potencialidade da natureza. Além disso, as ações desenvolvidas despertaram a sensibilização ambiental não apenas nas crianças, mas também nos colaboradores do LFC, como educadores e funcionários. Sendo assim, o aprendizado ocorreu, de fato, quando as crianças saíram da posição de espectadoras, justamente porque é essa a condição que faz com que as pessoas se acostumem com uma vida de rotina sistemática e improdutiva. O que justifica a aceitabilidade dos alimentos, afinal foi resultado do trabalho da própria comunidade escolar. A forma mais natural, intuitiva e fácil de aprender está no fazer, no agir e no experimentar. Isso é



mais do que uma estratégia fundamental de aprendizagem, é um modo de ver o ser humano que aprende (3). Nesse sentido, a Educação Ambiental foi utilizada, não como uma tábua de salvação para a natureza, a sociedade e a educação, todavia como uma forma de esclarecimento (4). E, de acordo com as palavras de Freire (5), o homem é consciente, na medida em que conhece e tende a se envolver com a própria realidade. É por meio desse conhecimento que o indivíduo é capaz de modificar sua maneira de se relacionar com o ambiente, buscando preservar os recursos naturais para as gerações futuras.

Considerações finais: Os resultados do projeto revelaram-se relevantes e profícuos, ao incentivar a conscientização ambiental através do resgate de espécies de plantas alimentícias não convencionais, enfatizando o processo de ensino e aprendizagem pautado no trabalho coletivo e na cooperação entre os estudantes.

Financiamento ou apoio: Não houve fonte de financiamento.

Referências

1) BRASIL. Ministério da Educação. Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: UNESCO, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2023. 2) GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 3) ALMEIDA, F. J.; FONSECA JUNIOR, F. M. Projetos e ambientes inovadores. Brasília: Parma, 2000. 4) CONDE, I. B. Educação Ambiental na Escola. Fortaleza, Ceará: UECE, 2016. 5) FREIRE, P. Educação e mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.